

LEONARDO BOFF

Direitos  
do Coração

como reverdecer o deserto



PAULUS

Direção editorial  
*Claudio Avelino dos Santos*

Coordenação editorial  
*Alexandre Carvalho*

Coordenação de revisão  
*Tiago J. Risi Leme*

Revisão  
*Caio Pereira*  
*Iranildo Bezerra Lopes*

Diagramação e capa  
*Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento  
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boff, Leonardo

Direitos do coração: como reverdecer o deserto / Leonardo Boff. –  
São Paulo: Paulus, 2015.

ISBN 978-85-349-4256-0

1. Amizade - Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Amor - Aspectos religiosos -  
Cristianismo 3. Conduta de vida 4. Gentileza 5. Vida cristã I. Título.

15-09910

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã: Cristianismo 248.4

1ª edição, 2015

© PAULUS - 2015

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4256-0

8. A mais longa viagem: rumo ao próprio coração .....	85
9. O arquétipo do caminho e a autorrealização .....	95
10. No deserto há também vida e flores .....	103
11. Tudo o que existe e vive merece respeito .....	113
12. Cuidado e sustentabilidade: pilastras de um novo mundo .....	121
13. O necessário resgate do sagrado .....	131

## Segunda Parte

### O PULSAR DO CORAÇÃO

1. O amor que move o céu, as estrelas e os nossos corações .....	143
2. Quer garantir o amor? Cultive a ternura .....	153
3. A carícia: essencial para o afeto e o amor .....	161
4. Cordialidade: a capacidade de auscultar o coração do outro .....	169
5. O cuidado com o alimento do amor e da amizade .....	179
6. Gentileza gera gentileza .....	189
7. A mais humana das virtudes: a <i>com-paixão</i> .....	197

8. Festejar: a vida tem sabor e sentido .....	205
9. Rito e Jogo: coisas muito sérias, mas esquecidas .....	213
10. O humor: termômetro da saúde psíquica e espiritual .....	221

### **Primeira Conclusão**

“A beleza salvará o mundo”: a lição de Dostoievski .....	229
---	-----

### **Segunda Conclusão**

Os direitos do coração .....	235
------------------------------	-----

# Introdução

## RESGATAR OS DIREITOS DO CORAÇÃO

Seguramente, a crise ecológica global exige soluções técnicas que possam impedir que o aquecimento global ultrapasse 2 graus Celsius, o que seria desastroso para toda a biosfera. Se por irresponsabilidade humana nada fizermos e este subir a 4, 5 ou até 6 graus Celsius, as formas de vida conhecidas, inclusive a humana, estarão gravemente ameaçadas. Mas a técnica não é tudo nem o principal. Parafraseando Galileo Galilei, podemos dizer: “A ciência nos ensina como funciona o céu, mas não nos ensina como se vai ao céu”.



Da mesma forma, a ciência nos indica como funcionam as coisas, mas não tem condições de nos dizer se elas são benéficas ou maléficas à totalidade do sistema-vida e do sistema-Terra. Para isso, temos que recorrer aos critérios éticos aos quais a própria prática científica está submetida.

Até que ponto apenas soluções técnicas equilibram Gaia a ponto de ela continuar a nos querer sobre si e ainda garantir os suprimentos vitais para os demais seres vivos? Será que ela vai identificar, assimilar ou rejeitar as mais de mil substâncias químicas sintéticas, os transgênicos e outros micro-organismos produzidos artificialmente, para os quais seu estômago não foi preparado ao longo de milênios de sua evolução? Nem a própria ciência tem condições de dar alguma resposta segura. Por isso temos que acionar os princípios da prevenção, da precaução e do cuidado, para que nossa saúde não seja afetada.

As intervenções técnicas são necessárias para atender às demandas humanas. Mas elas têm de se adequar a um novo paradigma de produção, menos agressivo, de distribuição mais equitativa, de consumo regido pela sobriedade compartilhada e de absorção dos rejeitos para que não danifiquem os ecossistemas.

A *Carta da Terra*, um dos documentos nascidos com o apoio da UNESCO e da ONU, resultado de uma



consulta de oito anos (de 1992 a 2000) a praticamente todos os povos, articulando valores e princípios que nos inspirem uma nova forma de habitar o planeta, diz sabiamente:

A large, ornate decorative frame made of multiple overlapping, flowing lines in a golden-brown color, surrounding the central text.

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo [...] Isso requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal [...] Só assim alcançaremos um modo de vida sustentável nos níveis local, nacional, regional e global (n. 16, f).

O que se afirma é que devemos desenvolver uma nova leitura da realidade total (mente) e uma nova sensibilidade (coração) junto ao sentido de pertença entre todos os seres e a responsabilidade universal pelo destino comum, da Terra e da humanidade.

A mente, vale dizer, a visão contemporânea do universo, da história da Terra, da vida e da existência humana foram, em grande parte, codificadas num





trabalho de quase um século. Falta-nos urgentemente despertar o coração para que sinta, se compadeça, se solidarize e ame a Terra, seus ecossistemas e todos os seres, nossos companheiros nesta caminhada terrestre. Sozinha, a mente não dispõe de todos os instrumentos para debelar a atual crise. Ela precisa do suporte do coração. É ele quem nos move para a ação e busca os melhores caminhos para o nosso salvamento. Por isso falamos dos direitos do coração, que devem ser proclamados e vividos em função de nossa própria sobrevivência.

A dimensão do coração foi descurada pela modernidade. A razão analítica e instrumental e a tecnociência buscavam, como método, o distanciamento mais severo possível entre emoção e razão e entre o sujeito pensante e o objeto pensado.

Tudo que vinha do mundo das emoções, dos afetos, da sensibilidade, numa palavra, do *pathos*, obscurecia o olhar analítico e “objetivo” sobre o objeto. Tais dimensões deveriam ser postas sob suspeição, ser controladas e até recalçadas.

Ocorre que a própria ciência superou essa posição reducionista seja pela mecânica quântica de Bohr/Heisenberg, seja pela biologia à la Maturana/Varela, seja, por fim, pela tradição psicanalítica, reforçada pela filosofia da existência (Heidegger, Sar-



tre e outros). Essas correntes evidenciaram o envolvimento inevitável do sujeito com o objeto. A objetividade total é uma ilusão. No conhecimento, há sempre interesses do sujeito, há emoções e afetos, próprios do ser humano no mundo com os outros. Mais ainda, nos convenceram de que a estrutura de base do ser humano não é a razão, mas o afeto e a sensibilidade.

Daniel Goleman trouxe a prova empírica com seu texto *Inteligência emocional*. Aí, ele afirma que a emoção precede à razão. A primeira reação perante qualquer realidade é a emoção; somente alguns segundos depois a razão desperta. Michel Maffesoli escreveu o *Elogio da razão sensível*; Patrick Viveret propôs *Por uma sobriedade feliz*; fundada no acordo entre a razão mental e a inteligência do coração; Adela Cortina escreveu *A razão cordial*; entre nós, Muniz Sodré, em várias de suas obras.

Isso se torna mais compreensível se pensarmos que nós humanos não somos simplesmente *animais racionais*, mas *mamíferos racionais*. Quando, há mais de duzentos milhões de anos, surgiram os mamíferos, irrompeu o cérebro límbico, responsável pelo afeto, pelo cuidado e pela amorização. A mãe concebe e carrega dentro de si a cria e, depois de nascida, a cerca de cuidados e de afagos. Somente nos últimos cinco a seis milhões de anos surgiu o cérebro neo-



cortex, e há duzentos mil anos, o tipo de cérebro que temos hoje, que se expressa pela razão abstrata, pelo conceito e pela linguagem racional.

O grande desafio atual é conferir centralidade ao que é mais ancestral em nós, o afeto e a sensibilidade, cuja expressão maior se encontra no coração. Enfatizando, importa resgatar o coração e seus direitos, tão válidos quanto os direitos da razão, da vontade, da inteligência e da libido.

Nele está o nosso centro, nossa capacidade de sentir em profundidade; nele se encontram a sede do amor e o nicho dos valores.

Longe de nós desbancarmos a razão; precisamos dela, pois é imprescindível para o discernimento e a priorização dos afetos, sem substituí-los. Hoje, se não aprendermos a sentir a Terra como Gaia, não a amarmos como amamos nossa mãe e não cuidarmos dela como cuidamos de nossos filhos e filhas, dificilmente a salvaremos.

Sem a sensibilidade, a operação da tecnociência será insuficiente. Mas uma ciência com consciência e com sentido ético pode encontrar saídas libertadoras para nossa crise. Por isso importa reinventar o ser humano total que une cabeça e coração, sentimento e razão, música e trabalho, poesia e técnica.



O objetivo de nosso texto é convidar as pessoas a aprender a sentir, a unir a razão, geralmente fria e calculista, ao afeto, caloroso e irradiante. Desse amálgama nascerá, diria espontaneamente, a nossa vontade de cuidar de tudo o que é vivo, frágil e importante para a vida humana e a vida no planeta Terra.

O coração possui seus direitos e a sua lógica própria. Ele não vê tão claro quanto a razão, mas vê mais profundamente e de forma certa. Conhecemos melhor quando amamos. E amamos mais intensamente quando nosso conhecimento é mais lúcido e despido de preconceitos.

